

O exercício do confundente e os *tonchi banashi* na educação japonesa - dois estudos

Chie Hirose¹

Resumo: Este estudo, notas de comunicação oral no “XIV Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação - Religião e Cultura”, analisa aspectos do pensamento confundente e relatos de episódios curtos e espirituosos (*tonchi banashi*) no marco da educação japonesa.

Palavras Chave: “Pensamiento confundente”. Educação japonesa. *Tonchi banashi*.

Abstract: This paper, originally a communication to the “XIV Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação - Religião e Cultura”, examines aspects of “confounding thinking” and the *tonchi banashi* (stories, quick-witted story) in Japanese Education

Keywords: “Pensamiento confundente”. Japanese education. *Tonchi banashi*.

O pensamento confundente oriental

Nesta conferência, inicialmente, procurarei complementar o tema pensamento confundente – essencial para a pedagogia japonesa e para as orientais em geral – e que foi objeto de nossas discussões em evento anterior do Cemoroc. Em seguida, apresentaremos os *tonchi banashi* e seu papel na formação das crianças.

Embora de extrema importância para a Antropologia, o pensamento confundente (expressão criada por Ortega y Gasset) continua pouco estudado em nosso meio acadêmico, exceção feita aos grupos de pesquisa liderados pelo Prof. Jean Lauand.

Entre outras potencialidades, trata-se de uma chave importante para a análise dos Orientales, que, nesse ponto, também se identificam.

Advirta-se, desde logo, que “pensamento confundente” nada tem de pejorativo: não se trata da confusão que, para nós, pode evocar imediatamente: “equivocado, engano, mixórdia, bagunça, desarrumação, mistura indevida, ou mesmo baderna” (Houaiss). Trata-se, isto sim, de, uma das importantes funções de pensamento, como explica, em uma entrevista, Julián MARÍAS (1999):

Mariás: Trata-se de uma dupla dimensão do pensamento. Há uma função, diríamos, *normal* do pensamento que é distinguir e determinar as diferentes formas de realidade. Por outro lado, se esta fosse a única função do pensamento, não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes. Isto é o que Ortega denominava “pensamento confundente”. Eu gosto do exemplo da palavra “bicho”, muito vaga, que se refere a milhões de animais, mas nos comportamos ante um “bicho” de uma maneira de certo modo homogênea: em muitas ocasiões as diferenças não contam: e não nos importa a espécie (haverá centenas de milhares de coleópteros, mas, para muitos efeitos, não interessa). O “pensamento confundente” é muito importante e é um complemento para o pensamento que distingue.

¹. Doutora e Pós doutoranda Feusp. Professora das Faculdades Integradas “Campos Salles”.

entr.: Sim, por vezes a linguagem nos impõe uma "confundência" maravilhosa. Na língua árabe, por exemplo, uma mesma palavra serve para significar "amizade" e "confiança".

Marías: Há uma coisa que me preocupa, e já o disse muitas vezes. Que, enquanto o vocabulário de uma área particular, de um campo profissional técnico, de um ambiente específico, na agricultura, por exemplo, ou na pecuária — enquanto esses vocabulários específicos possuem uma riqueza enorme, tudo o que um homem pode sentir por outra pessoa resume-se — em todas as línguas que conheço — a meia dúzia de palavras. Algumas positivas, como "amizade", "amor", "ternura", "simpatia", "carinho", e outras tantas negativas. Parece-me muito restrito. Eu tenho quatro filhos, já adultos, e eu os amo de quatro maneiras diferentes. Há uma variedade imensa do amor, e a língua não reflete essa variedade. É uma limitação esquisita. Talvez devida a uma certa desatenção pelos sentimentos, pelos conteúdos anímicos, em contraste com a refinada atenção dedicada às técnicas da agricultura, da medicina...

entr: Para o futebol, no Brasil, há um vocabulário riquíssimo para diferentes ângulos de um movimento: bicicleta, meia-bicicleta, puxeta, voleio etc.

Marías: As mil maneiras de dar um chute numa bola! E isso porque há um interesse especial. Muitas pessoas gostam de futebol e precisam distinguir os diferentes matizes dessa atividade. E, em contraste, o que uma pessoa sente por outra — e é algo mais difícil, sem dúvida — não desperta tanto interesse. Eu fico muito perplexo com este fato.

(Marías, J. "Entrevista a JL, 26-5-99" *Videtur* No.8, 1999, DLO-FFLCH-USP <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>.)

Nesse breve diálogo, já se pode notar a importância da linguagem confundente. Ele é útil quando nos ajuda a pensar não separadamente aspectos que na realidade não estão separados.

Cabem aqui algumas observações: a rigor, não podemos falar de linguagem e de realidade como se fossem aspectos estanques e independentes: nossa percepção da realidade dá-se pela linguagem e nossa linguagem é elaborada a partir da realidade que percebemos: melhor seria falar de "sistema língua / pensamento", para evocar o fecundo conceito de Johannes Lohmann.

O árabe e o hebraico pensam confundentemente na palavra Salam (/Shalom), diversos significados insuspeitados para as línguas ocidentais. Como mostrou Lauand (2007), o radical trílitere de Salam/Shalom não significa apenas paz (como imaginam os brasileiros que querem simplesmente revestir de caráter bíblico e sagrado a nossa palavra "paz"), mas "confunde" em si diversos outros significados (e só desse ponto de vista confundente há legitimação em empregar o original semita):

* integridade física – dizemos de um cabo de vassoura quebrado, que ele perdeu seu Shalom. Uma peça fabricada com defeito não tem Shalom.

* integridade moral – no sentido de honestidade, incorruptibilidade, como significado pelo nome próprio *Salym*, "o íntegro".

* sanidade, saúde (física ou espiritual)

* aceitação – de boa ou má vontade. Daí que iSLaM, idêntico no radical trílitere a SaLaM, seja aceitação da vontade de Allah.

Etc. etc.

A força do confundente Shalom/Salam mostra-se em alguns exemplos:

Naturalmente, ninguém no Ocidente diria de um giz quebrado que ele perdeu sua “paz”, associação evidente e conatural para o semita. É por isso que, fora do contexto confundente semita, é extremamente enigmática a formulação do apóstolo Paulo, que, escrevendo em grego (mas pensando com sua cabeça semita) diz que “Cristo é nossa paz...” (*Autos gar estin he eirene hemon...* Ef. 2, 14), fórmula que os cristãos ocidentais repetem devotamente, mas sem compreender seu significado. E quando examinamos a razão pela qual o apóstolo afirma que Cristo é “nossa paz”, aí a perplexidade do Ocidente torna-se total: “Cristo é nossa paz porque Ele quebrou o muro... (!?) e de dois fez um”. O que, para um semita, é totalmente natural.

Confundindo os conceitos de paz, saúde (física ou espiritual) etc. é natural que a saudação mais comum no mundo árabe (para encontro ou despedida) seja também precisamente: *Salam!* S-L-M indica também aceitação (de boa ou má vontade), daí que a atitude religiosa de acolhimento da vontade de Deus seja *iSLaM*.

A mesma palavra S-L-M significa, ainda, integridade territorial. Assim, de Salomão (*SaLuMun* ou *SuLaiMan*), Deus diz a seu pai Davi (um homem de guerras), em atenção ao nome de Salomão: "Este teu filho será um homem de *shalom*, pois Salomão é o seu nome" (1 Crn 22,9). E Deus, apesar da infidelidade do rei, mantém a "integridade", a "totalidade" do reino de *Salumun* e diz: "Não tirarei da mão de *Salumun* parte alguma do reino..." (I Reis 11,34).

Em outras palavras, tanto para o árabe quanto para o judeu, a integridade territorial e a paz são pensadas confundentemente como uma única realidade: se faltar um milímetro quadrado do que se considera ser seu território, não há paz.

Lauand 2007 <http://www.hottopos.com/notand14/lauand.pdf>

Quando consideramos as artes *do*, tão centrais nas Pedagogias orientais, é oportuno lembrarmos que *do* (*Tao*) é muito confundente.



Nele confundem-se: caminho, governo, sabedoria, virtude etc. e o próprio Tao do *Livro do Tao*.

Sendo a linguagem abstrata, ela é sempre de algum modo confundente; interessa-nos o “confundente relativo”, aquelas realidades, para o bem ou para o mal, que umas línguas distinguem e outras não. O português é confundente em relação ao inglês no uso do adjetivo “grande”, que o inglês distingue em “big” e “great”: se eu digo que a Amazônia é grande, devo, provavelmente, traduzir por “big”; já se digo “grande Uruguai...”, devo recorrer ao “great”, porque realizou, digamos, a façanha de eliminar a poderosa Argentina nas oitavas de final...

Embora o pensamento confundente não seja muito tratado academicamente entre nós, há casos em que o brasileiro (inconscientemente) o usa e valoriza. Pense-se,

por exemplo, na mil vezes repetida (nem sempre com o devido rigor) – no mundo empresarial, sobretudo em palestras motivacionais corporativas – “coincidência” dos conceitos de crise e oportunidade no chinês / japonês.

危機

Cabem aqui algumas considerações sobre esse caso, para além do modo como esse confundente tem sido tratado entre nós.

Na verdade, esse é um bom exemplo de como o confundente costuma ocorrer em outro nível. O ideograma ki 機 deve ser visto na confundência de seus vários significados:

- máquina de tecer (sentido que se estendeu para outras várias máquinas)
- avião.
- momento oportuno, o tempo certo (quando combinado com o ideograma de virar, mudar).
- causa que promove que algo ocorra.
- complexo mecanismo no interior de uma máquina.
- princípio motor de algo.
- mecanismo muito minucioso, difícil de captar (como os secretos planos militares).
- movimento do coração, da mente.
- pivô, sustentáculo axial.

Agora podemos retornar ao 危機, e considerar seu primeiro componente (que coincidentemente também soa ki):

- perigo.
- o que fere ou debilita algo.
- o que acarreta riscos.
- não confiável.
- incerto.
- o que deixa apreensivo.
- difícil de superar.

Assim, esse ki aparece em várias combinações:

危急 – perigo emergencial.

危險 – perigo, risco.

危地 – situação ou local de perigo.

危篤 – estado crítico.

危難 – ameaça grave.

安危 – ameaça à segurança.

危害 – risco de vida ou de dano corporal.

危機 – crise.

Consideremos agora este último caso, o famoso 危機, que é apontado, nas palestras motivacionais, como a feliz coincidência crise / oportunidade. Na verdade, é necessário interpretá-lo no quadro das palavras que tem 危 como componente. Percebe-se, então, que é o segundo componente que tem a função de especificar o perigo: no caso de 危機 – crise, é caracterizado como o perigo que ameaça a estrutura, o mecanismo, o pivô, o momento oportuno etc. Trata-se de um alerta para a ocorrência de algo desastroso. Não se trata, portanto, de uma mera oportunidade, de uma ocasião favorável... mas, sim, de alerta para um perigo essencial, iminente e devastador.

Como se vê, a análise do confundente, no caso do japonês e do chinês, requer o exame de cada ideograma (e de sua família de associados).

Um confundente especialmente interessante para a educação é o árabe / hebraico: *mathal* / *mashal*. Enquanto o Ocidente se desdobra em buscar diferenciações precisas para conceituar distinguindo: histórias, *causos*, parábolas, alegorias, fábulas, provérbios, mitos, metáforas etc., o oriental *mathal* os confunde. Tal como no já citado confundente “bicho” de Julián Marías, o confundente, neste caso, é favorável: se, como já temos tratado em outros estudos, contar histórias é essencial para a educação e para a educação moral, não há maior interesse em distinguir (e tirar o foco) desse recurso pedagógico, tão valorizado nas pedagogias orientais.

Apresentaremos a seguir um exemplo dessa educação por histórias, ou mais precisamente episódios (ou “causos”) vindo da tradição japonesa: os *Tonchi Banashi*.

Os *tonchi banashi*

Na língua espanhola, *enseñar* é também mostrar: um par de exemplos servirão para, em uma primeira aproximação, mostrar ao leitor brasileiro os *tonchi banashi* – episódios, “causos”, tiradas espirituosas etc. – para a formação das crianças e jovens.

1) Quando Madre Teresa ainda não era célebre, um jornalista foi fazer uma reportagem sobre seu trabalho com “os mais pobres dos pobres”. Abalado pelo que viu, comentou: “Eu não faria o que a senhora faz nem por um milhão de dólares!”. E a madre respondeu: “Eu também não...”.

2) Senta-se no teatro, na cadeira em frente à de Emílio de Menezes, um atriz com um volumoso chapéu, que atrapalha a visão do poeta. El, vendo que havia lugares na fila atrás de si, desfere contra a importuna espectadora a indicação: Atriz atroz atrás há três...

Se os Orientes sempre educam por histórias (no sentido confundente de *mathal*), os *tonchi banashi* têm suas características específicas.

São, antes de mais nada, curtos, rápidos, cortantes. Podem ter ou não um sentido moral, como no primeiro exemplo acima. Espirituosos, sábias tiradas, pela graça têm o valor adicional de ajudarem à memória: pelo humor são mais facilmente gravados.

Certamente, não se trata de contar histórias para simplesmente contar histórias: o *mathal* traz sempre consigo um amplo potencial paradigmático que ajudará, ao longo da vida, na difícil arte de tomar decisões, o que classicamente se designava pela virtude cardeal da *prudentia*. O *mathal* ou o *tonchi banashi* faz –

consientemente ou não o papel de mediação entre os abstratos princípios morais e a concreta situação que exige uma decisão acertada. “Fazer o bem e evitar o mal”, “amar o próximo” etc. são demasiadamente genéricos para encontrarem tradução na vida quotidiana. Por isso Cristo conta, por exemplo, a parábola do bom samaritano, que já aproxima da realidade concreta esse amor ao próximo (envolvendo, como se sabe, tempo, dedicação, dinheiro etc.)

Não é por acaso que as religiões (e as religiões surgem no Oriente, que até etimologicamente significa surgir) recorram às histórias em suas pedagogias.

Histórias abundam no Velho Testamento. O imenso potencial da belíssima história de José do Egito; as narrativas sobre Noé, Jô, Salomão etc.

No Cristianismo, as parábolas de Jesus, que, geração após geração, in-formam a educação cristã, permeando-a de lirismo: o semeador, o filho pródigo etc.

A tradição budista educa por *mathal* (uma vez mais a vantagem do confundente, que desconsidera a distinção entre o realmente ocorrido e o meramente ficcional). Etc.

Quer se trate de educação religiosa ou mera educação moral laica, as histórias são recurso privilegiado, sobrevivendo à época da informática e das variadas mídias (que podem se aproveitar delas: já se disse, por exemplo, do *Rei Leão*, que recolhe fábulas da tradição indiana, ou que é calcado no Hamlet etc.).

Mas voltemos aos *tonchi banashi*. Um importante personagem dos *tonchi banashi* é Ikkyū Sōjun (1394–1481). Ele realiza tão cabalmente o espírito desse gênero que em seus episódios é chamado de *Ikkyū banashi*.



Ikkyū-San como atualmente é chamado carinhosamente pelas crianças foi um monge da escola Rinzai Zen Budismo que viveu na época Muromachi. No período Edo popularizou-se com os episódios da sua infância narrados num livro chamado “Contos de Ikkyū” como *tonchi banashi*. Mesmo hoje, suas histórias são muito apreciadas e recontadas nos livros infantis, exploradas em formatos de mangás, filmes, seriados, e são conhecidas na Ásia, na Europa espalhando-se através das traduções em chinês, coreano, inglês, francês e espanhol. Não há como dizer que todos os episódios são ou não fatos verídicos ou que o protagonista, neste ou naquele caso, tenha sido o próprio Ikkyū Sōjun. Como é frequente, nesses casos, a pessoa real tende a tornar-se um tipo.

A comparação com nosso Pedro Malasartes (também ele vindo da tradição medieval) é inevitável, embora com muitas ressalvas. Se no dizer de Cascudo, Malasartes é o tipo do “burlão invencível, astucioso, cínico, inesgotável de expedientes e de enganos, sem escrúpulos e sem remorsos”; Ikkyū-San, tal como se consubstanciou legendariamente, é o protagonista das tiradas astutas e inteligentes do espírito Zen em: “a wild and ragged bohemian style”, segundo o criterioso estudioso James H. Sanford.



Essa sua personalidade foi impactante em sua época, o período Moromachi, de constantes guerras feudais (também chamado de período Sengoku) e de secularização da cultura, que influenciaram diretamente a religião. Ikkyu decidiu não fazer parte da hierarquia Zen optando por ocupar uma posição marginal e criticar as instituições religiosas que se mantinham cada vez mais com o patrocínio do shogunato, conseqüentemente, controladas pela política do sistema. Atacava a hipocrisia das ordens monásticas e a corrupção dos templos.

Baseado em personagem real, mas tornado protagonista de histórias, Ikkyu apresenta esse peculiar estilo Zen, incorporando, como noviço e depois monge, a estrutura das histórias (imensamente difundidas na Ásia) de mosteiro, mestre e discípulos etc.

Especialmente apreciadas pelas crianças são as histórias de Ikkyu menino, já bastante esperto e engenhoso:

Seu mestre possuía uma preciosa vasilha de chá, uma preciosa antiguidade. Um dia um menino, colega de Ikkyu, quebrou a vasilha e ficou extremamente temeroso. Ouvindo os passos do mestre, Ikkyu juntou os cacos da vasilha atrás de si.

Quando o mestre chegou, Ikkyu perguntou-lhe:

“Mestre, por que as pessoas têm que morrer?”

“A morte é natural: tudo morre e é curto o tempo da vida”

“Mestre, chegou a hora da morte para sua vasilha...”

(naturalmente, há variantes nas versões dos *tonchi banashi*. Nesta, Ikkyu salva generosamente um coleguinha – o que o torna adorado pelas crianças).

O mestre do mosteiro tinha um prazer secreto em tomar mel de uma jarra. O jovem noviço Ikkyu perguntou-lhe o que havia na jarra. O mestre respondeu que era uma poção de sabedoria, mas que era tão potente que só os anciãos podiam tomá-la e que seria veneno fatal para jovens.

Ikkyu, que bem sabia do engodo, juntou os noviços, apanhou uma preciosa cerâmica pela qual o mestre tinha o maior apreço e lançou-a ao chão e, em seguida, deliciaram-se com o mel da jarra.

Quando o mestre voltou de noite, viu os noviços chorando desesperadamente. Ikkyu explicou que, enquanto limpavam a sala, acidentalmente quebraram a cerâmica do mestre e, ante esse irreparável desastre, resolveram acabar com as próprias vidas tomando o veneno da jarra. Mas como nem morrer conseguiram, estavam chorando em desespero, cobertos de vergonha.



Talvez a mais famosa das histórias de Ikkyu seja a do tigre do biombo:

Um dia o mestre e Ikkyu foram convidados para o palácio. Lá chegando Ikkyu é desafiado:

“Ah, então é você o famoso sábio Ikkyu? Quero que você prenda com esta corda o tigre que está [pintado] neste [enorme] biombo!” O mestre, diante da embaraçosa situação, tenta desviar o assunto, mas Ikkyu se levantou dizendo:

“Sim, claro, deixa comigo!” E, tomando uma faixa, cingiu sua frente, saiu para o jardim e disse:

“Respeitável público, Ikkyu agora vai mostrar como se amarra um monstruoso tigre. Para começar, peço que o tragam para cá, neste espaço aberto, pois, pode ser que ele se agite e se debata e aqui fora será mais seguro para vocês”.

“Ich..., conduzir o tigre para o jardim?” disse o dono do palácio, aflito e entregando os pontos diante da engenhosidade de Ikkyu.



Recebido para publicação em 03-04-13; aceito em 07-05-13